

## ABAALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As escolas fecham  
As casernas aumentam

A república, que há uns bons dez anos se anunciarava tam carinhosa para com os pequeninos; que tantas ternuras, quasi maternais, desejava introduzir no livro e na escola; a república protectora das crianças pobres, vai deixar morrer a Escola-Oficina n.º 1, que há 15 anos vem ministrando aos pequenos a instrução livre, o amor e a ternura, que a mesma prometedora república esqueceu lastimavelmente.

A Escola-Oficina n.º 1 vai fechar porque não tem dinheiro, porque os miseráveis seis contos anuais que o Estado lhe concede são insuficientes para manter, ante a carestia de tudo, um establecimento de ensino daquela natureza.

Era aquela escola o melhor que possuímos no que respeita a ensino primário superior. Para conseguir esse lugar de destaque foi preciso que um punhado de homens dedicasse à referida obra de instrução todo o seu amor, todo o seu esforço, e uma grande vontade de acertar. A Escola-Oficina representa quinze anos de trabalho aturado, ignorado quásí, com todos os seus desgostos e dissabores. Pois esses quinze anos de trabalho vão ficar irremediavelmente perdidos, inutilizados, porque o Estado não pensou um só instante em conservar de pé esse estabelecimento do ensino, que representa, no meio da corrupção e baixeza em que tudo isto está mergulhado, algo de sô, de bom, onde poderíamos reunir as nossas esperanças num futuro melhor.

Tudo quanto nos restava de puro e de aproveitável tem sido subornado no meio da indiferença do Estado e da do próprio povo. O Estado, sobretudo, tem sobre os ombros responsabilidades tremendas. O Estado dorme ante todas as obras utiles. O Estado, que não fez o menor esforço para mandar explorar a mina de Santa Suzana; que tem deixado que o tempo derrua pelo país fora os nossos melhores monumentos históricos e artísticos; o Estado, que não pensou em aumentar o

número de bibliotecas, porque não tem verba, é o mesmo Estado que dispende rios de dinheiro na manutenção dum exército inútil; que sustenta uma guarda republicana cuja despesa atinge números inconcebíveis; que aumenta constantemente a legião de funcionários, entre os quais há um grande número, cujo trabalho consiste em receber os vencimentos.

Ainda há bem pouco tempo foram votados três mil contos para a manutenção da *ordem pública*. A *ordem pública* tomou um pretexto admirável para desviar dinheiros que podiam ser aplicados a obras úteis. Pois esse Estado, tanto pródigo para com aqueles que prejudicam o país, vai deixar morrer a Escola-Oficina n.º 1. Isto é espantoso!

Entrou Portugal numa guerra fratricida, sem que ninguém lho pedisse. Gastou-se loucamente, criaram-se dividas que já não podem pagar. Tanto esforço, tanto dinheiro gasto numa obra de destruição e de morte! Os assuntos de instrução, que realmente representam alguma causa de útil, são lamentavelmente esquecidos, votados ao desprêzo.

A Escola-Oficina n.º 1 encontrava-se numa situação especial. numa escola que não pode acabar. A montagem dum escola em tais condições não é tarefa fácil; o seu material necessita de cuidados e atenções que as escolas vulgares não exigem; os seus professores tem de ser escolhidos; o seu aperfeiçoamento provém da experiência de todos os dias. Fechar aquela escola é perder todo este trabalho, é desagregar uma infinidade de esforços, muito difíceis de se efetuarem.

É necessário que se evite imediatamente uma desgraça destas. A manutenção da Escola-Oficina n.º 1 não é tam dispensável como a dum batalhão da guarda republicana. Se o Estado não tem dinheiro, que dissolva um desses batalhões, que substitua a caserna pela escola. Porque a escola é muito melhor garantia de ordem do que um batalhão.

## CONFERENCIAS

Questões morais e sociais na literatura

Na palestra realizada ontem na Universidade Popular Portuguesa, o sr. Câmara Reys falou sobre *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, *O Sonho*, de Zola, e *A Catedral de Huysmans*, caracterizando cada uma dessas obras. Explicou o interesse que tem, para os artistas, as Catedrais, pela grandeza, pela beleza, pelo mistério, pela religiosidade, a tradição, o encanto do silêncio ou das harmonias da música sacra, a recordação das gerações que passaram e ajoelharam, na ânsia do arrependimento e no desejo duma vida futura. Esses momentos, em que se espiritualizaram as almas rudes, que perpetuam as tradições mais nobres do povo, os seus folguedos e as suas rezas, os mistérios, representados no adro ou nas próprias naves. As Catedrais de estilo gótico tem uma mais solene e impressionante beleza; como as ramagens cimeiras das florestas, perdem-se nas alturas as colunas esbeltas, num arrabamento prodigioso para os céus. Muitas vezes vieram repousar, sob as lages rasas do pavimento, os artífices obscuros e os artistas devotos que desbastaram e esculpiram as suas pedras.

O governo prometeu a cada desempregado dois francos e meio por dia pagos por as municipalidades, seriam posteriormente reembolsadas pelo governo. Grande número de cidades recusou-se a pagar. Os sem empregos dos arredores de Paris recusam-se a abandonar a cidade e a ir para as regiões devastadas onde lhes é oferecido trabalho a trinta francos por dia.

Exigem ajuda do governo até conseguirem recuperar o trabalho em que antigamente se dedicavam. Na última semana o número dos desempregados era de setecentos e cincuenta mil em toda a França.

A carestia do carvão agrava o problema, fazendo com que muitas fábricas paraissem a sua laboração. — *Rádio*.

Em Inglaterra a legião aumenta

PARIS, 10. — O problema dos desempregados está causando uma certa apreensão, neste cidade e noutras centros industriais da França.

Este problema é um problema novo para o país porque antes da guerra conseguiu sempre dar trabalho a toda a sua população. Ainda não houve perturbações da ordem mas o governo preocupa-se muito com a solução a dar a esta questão.

Nas fábricas de automóveis de Belleville há desseis mil homens sem emprego, em Saint-Dizier há agora vinte mil desempregados e em S. Etienne quarenta mil.

É fácil haver distúrbios nesta localidade porque ali há uma violenta corrente socialista. O conselho municipal de Paris já foi prevenido que os desempregados pretendem fazer manifestações.

O governo prometeu a cada desempregado dois francos e meio por dia pagos por as municipalidades, seriam posteriormente reembolsadas pelo governo.

As estátuas, os fiorões, as rosáceas, as arcarias, os vitrais, as obras de talha, as pedrarias e gemas dos tesouros, as vestimentas sacerdotais, os tocheiros, os turbinhos, os retábulos, todo o sumptuoso recheio das basílicas e das igrejas mais humildes, representam um trabalho colectivo admirável, estupendo, em que mestres e artífices se irmanaram afectuosamente num esforço tocente, pacient, obscuro, de gerações e gerações, de mãos delicadas e devotas — obra colossal, multiplicada infinitamente, e que, no dizer do cronista medievo, cobriu a terra de um alvo manto de igejas.

Com a divulgação da imprensa, o livo malou a catedral. *Ceci tuer celi*. A arquitectura religiosa decai. A catedral, obra colectiva em que o sentimento religioso se unia por vezes ao sarcasmo obscuro de figuras grotescas e impudentes — deixa de ser a colmeia rumorosa do povo, quase deserta, e só veem acordar os écos das suas abóbadas, artistas como o romântico Hugo, Zola num momento de censura naturalista e o devoto Huysmans, preparam-se para vestir um burlê aspero de fraude.

No distrito do Rhur renova-se agitação comunista

BERLIM, 10. — No distrito do Rhur renova-se as agitações comunistas, pretendendo promover greves. — *Rádio*.

## Na Alemanha

Com a divulgação da imprensa, o livo malou a catedral. *Ceci tuer celi*. A arquitectura religiosa decai. A catedral, obra colectiva em que o sentimento religioso se unia por vezes ao sarcasmo obscuro de figuras grotescas e impudentes — deixa de ser a colmeia rumorosa do povo, quase deserta, e só veem acordar os écos das suas abóbadas, artistas como o romântico Hugo, Zola num momento de censura naturalista e o devoto Huysmans, preparam-se para vestir um burlê aspero de fraude.

No distrito do Rhur renova-se agitação comunista

BERLIM, 10. — No distrito do Rhur renova-se as agitações comunistas, pretendendo promover greves. — *Rádio*.

## TANTO CUIDADO!...

## e afinal-sabemos tudo!

Sim, sabemos tudo quanto de mais secreto faz a Confederação Patronal, até mesmo o que os outros jornais ignoram

Disse *A Batalha*, no seu número de domingo, que ia ter inicio, nesse mesmo dia, nessa hospitalidade cidade de Lisboa, um congresso promovido pela Confederação Patronal, um organismo há tempos criado pelas... forças vivas.

O que, porém, a *Batalha* não disse e poderia aliás te-lo feito, se o houvesse julgado oportuno — é que havendo a respectiva comissão organizadora convocado a imprensa diária, por meio dum médiun, também um excente, indicar o nome dos redactores que iriam fazer a reportagem, para lhes serem passados os respectivos cartões — ele era tudo feito com tanto cuidado — e sistematicamente se absteve essa comissão de dirigir idêntico ofício à *Batalha*, na persuasão de que assim ficaríamos inibidos de saber o que no congresso se ia passar...

Não foi de facto um representante desta proletariana folha ao congresso das forças vivas, mas isso não obstante a que soubessemos tudo quanto de interessante nele se verificou.

Sabemos mesmo muito mais do que seria possível chegar ao conhecimento dos representantes dos outros jornais, porque os enviados destes, até mesmo o do *Diário de Notícias*, que bem poderia pôr sob o seu título a rubrica de *Porta-voz das forças vivas*, não tiveram licença de assistir à sessão secreta, nem à tarde realizada, e nós, precisamente os elementos metódicamente excluídos, graças às nossas habilidades, estamos ao facto não só do que se passou nas reuniões feitas ante os representantes dos jornais, mas também nas efectuadas a ocultas destes.

E fomos isso tam fácil!

## O que nos disse um telepata

Não procurámos madame Brouillard, que tudo adivinha, ao que dizem, mas cujas consultas são respeitavelmente caras. Também não recorremos à tradicional mesa de pé de galo, muito descreditada já, nem arrevesados processos de espiritismo, que poderiam pregar connosco no manicomio Bombarde, a despeito dos homens das forças vivas nos darem feitos com o diabo.

Optamos por um expediente mais cómodo, mais moderno e menos falível. Lançamo-nos nos braços dum telepata consumado e, graças a ele e a um médiun de grande poder, logramos ser postos ao corrente do que ambicionavam saber.

Assim, averiguámos, em primeiro lugar, que os srs. Sérgio Príncipe e Apolinário Pereira são as principais figuras marcantes das forças vivas, mas não querem que os seus nomes sejam dados à publicidade, não porque sejam criaturas modestas ou porque se não falam, nos conciliábulos da corporação, da sua obra — a Confederação Patronal — mas sim�lesmente porque temem que, se tiverem que falar, a sua voz é de fato de desconfiança.

Ficou por falso assente que se realizasse hoje um outro encontro onde nos fôssemos exigir mais, apesar de ser transparente o nosso desejo de conhecermos tudo na íntima.

É como todos estes trabalhos não se fazem sem dinheiro, fez-se desde logo um apelo aos conspiradores, apurando-se cerca de 70.000\$00!

## Últimas e expressivas reuniões

O nosso telepata tinha feito um esforço sobremaneira. Compreendemos que não devíamos exigir mais, apesar de ser transparente o nosso desejo de conhecermos tudo na íntima.

Ficou por falso assente que se realizasse hoje um outro encontro onde nos fôssemos exigir mais, apesar de ser transparente o nosso desejo de conhecermos tudo na íntima.

Soubemos a seguir que nos lugares reservados, na sala onde se efectuou o congresso, aos jornalistas, estavam uns bilhetinhos em que vivamente se recomendava aos ditos jornalistas que não dessem para a imprensa os nomes dos oradores que usavam da palavra, aludindo apenas à sua qualidade. E logo o nosso telepata acrescentou que era o empenho em que não fôssem conhecidos os nomes dos representantes das forças vivas que quando algum deles pedia a palavra, declinando, como é de uso, o seu nome, intervinha muito afirmando o presidente — o príncipe — que faz-lhe foi o sr. Albert Macieira — que logo atalhava: «Não é preciso o nome, basta a qualidade».

Com a autoridade superior do distrito tivemos mandado assistir à primeira sessão do congresso um agente policial, desse que geralmente aparecem nas assembleias operárias, os congressistas protestaram ruidosamente, exigindo um representante da autoridade de competência rumores do povo, quase deserta, e só veem acordar os écos das suas abóbadas, artistas como o romântico Hugo, Zola num momento de censura naturalista e o devoto Huysmans, preparam-se para vestir um burlê aspero de fraude.

No distrito do Rhur renova-se agitação comunista

BERLIM, 10. — No distrito do Rhur renova-se as agitações comunistas, pretendendo promover greves. — *Rádio*.

Em Inglaterra a legião aumenta

PARIS, 10. — Continua a aumentar o número dos desempregados, apesar esforços do governo para debelar a crise. Os trabalhantes vão fazer uma conferência em Londres para determinar a política a seguir neste assunto. — *Rádio*.

No distrito do Rhur renova-se agitação comunista

BERLIM, 10. — No distrito do Rhur renova-se as agitações comunistas, pretendendo promover greves. — *Rádio*.

Na Alemanha

No distrito do Rhur renova-se agitação comunista

BERLIM, 10. — No distrito do Rhur renova-se as agitações comunistas, pretendendo promover greves. — *Rádio*.

## TANTO CUIDADO!...

## DEBATE DE OPINIÕES

## A Revolução sem ditadura

Vinde a mim, fénitos burgueses!...

Contam C. Rates e mais partidários da ditadura, que, uma vez o acto revolucionário consumado, isto é, o Terreiro do Paço ocupado pelos novos ditadores, os técnicos das classes burguesas corram, entusiasmados, a colaborar na Revolução ou que, pelo menos, consintam, de ânimo leve no «sacrifício». Se assim é, trata-se dum ilusão tam grande, tam desmarcada, que não se encontra palavras, argumentos para a combater. Uma ilusão assim pressupõe uma dose tal de ingenuidade, de desconhecimento dos homens e das coisas, que se desiste de procurar fazer compreender aos iludidos o engano pavosoro que cometem. E não se julgue que fantasia muito. Esse estado de espírito, candente, optimista, que constitui um dos mais interessantes aspectos da psicologia revolucionária, existe; não sei se em C. Rates, mas existe e não em

mais acessível à sua mentalidade, o dos lucros. Foi o que os bolchevistas se viram obrigados a fazer, quando reconheceram que não tinham os técnicos indispensáveis porque nem aderiram espontaneamente nem a pressão conseguiu fazer os trabalharem. Mas isso mesmo admitindo que deles os resultados que se desejam, o que é muito discutível, é simplesmente fazer obra contrária à revolução; é continuar, agraviando-a, a existência de classes privilegiadas, dando de condições económicas especiais e portanto, gozando de todas as coisas na vida que se obtem com o dinheiro, isto é, quase tudo. Nos decretos onde há mais alguma coisa do que a designação da reforma a fazer e a nomeação dos técnicos para a levar a cabo, nota-se o mesmo defeito que abunda nas reformas dos governantes da burguesia. São puras mudanças de nomes, de atribuições de serviços, ficando a estrutura, a engrenagem, fundamentalmente a mesma. Não há o que é preciso haver para produzir uma transformação; não há, naqueles decretos, *espírito revolucionador*, o ideal social em nome do qual se elaboraram, não se faz sentir. O que se nota, o que parece ter havido, é a preocupação de se legislar como os outros legislam. E' frio, burocrático, sem vida. Cheira demasiadamente a participação pública, a director geral, a todo esse conjunto de coisas e pessoas que fazem da administração do Estado, o brutal peso morto, poenteiro e solonento que todos nós conhecemos e que há tanto tempo nos astixa e nos entorpece.

Emílio COSTA

AMANHÃ:  
A prosperidade agrária

Artigo de Carlos RATES

Outrossim comunicámos a v. ex.º a nova reunião é convocada com audiência das seguintes colectividades: Associação Central de Agricultura Portuguesa, Associação Comercial de Lisboa, Associação Industrial Portuguesa, Associação Lisbonense de Proprietários, Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, Associação dos Vendedores de Viveres a Retação, Associação dos Comerciantes Portugueses, Associação dos Comerciantes de Carnes Verdes, Associação Industrial dos Lojistas e Fabricantes de Calçado, Associação dos Proprietários de Confeiteiras e Pasterias, Associação dos Industriais de Panificação Independentes e Federação dos Sindicatos Agrícolas do Centro de Portugal.

É ainda um meio de captar senão a simpatia, a competência dos técnicos burgueses para a obra revolucionária: interessá-los nessa obra é

Outrossim comunicámos a v. ex.º a nova reunião é feita pelo *Diário de Notícias*, devendo a v. ex.º, a partir de 4 de Janeiro p. f., consultar este jornal, que no qual encontrará diariamente todos os esclarecimentos relativos ao congresso.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1920.

A comissão delegada.

## UM PERIGO A CONJURAR

## A classe corticeira

Sofrerá brevemente uma paralisação geral forçada se não respeitar a conquista de Maio

de 1919

As classes são como os indivíduos: perdem a força moral quando não se respeitam a si próprias.

Os corticeiros enveredaram pelo caminho de uma aventura ridícula ao tomar a resolução de trabalhar o maior número de horas possível sem uma compensação monetária correspondente.

Quando antes da conflagração europeia os corticeiros atribuíam as crises anuais na indústria ao trabalho de empregada e principalmente aos horários de então, feitos à vontade dos industriais que arranjaram dispensa dos seus serviços, vão trabalhar para as fábricas de cortiça onde vão agravar, por todos os motivos, a situação futura dos que não tem outro modo de vida.

São estes indivíduos, e propriamente os que vivem do seu esforço como corticeiros, que estão cavando o imenso abismo onde a super-produção arrastará uma classe inteira, que pela sua inféia não soube fazer perdurar uma conquista por que anseava há tantos anos.

É com verdadeira mágoa que vemos desenrolar-se estes factos, mais pungeantes ainda quando verificamos que os chamados profissionais se encarniçam por fazer acreditar na irrisória vantagem dum trabalho extenuante para auferirem um salário maior.

Por todos os factos acima indicados se conclui que, a perderar este anormal estado de coisas, a classe corticeira ver-se-á brevemente a braços com uma das crises mais terríveis que a tem assoreado.

Há a conveniência imediata de entrarmos no caminho do dever, respeitando as conquistas da classe e cumprindo, sem softismas, o horário normal de 8 horas de trabalho diário, horário implantado com grandes sacrifícios e desprazado indignamente.

Ao critério da Federação Corticeira deixamos a necessária ponderação deste melindroso caso, scientes de que ela envidará os seus esforços no sentido de ser brevemente cumprido, por todos os corticeiros do país, o que não julgamos de uma necessidade absoluta.

Ao critério da classe e da respectiva Federação submeteremos, noutro artigo, o nosso parecer acerca da unificação dos salários.

No entanto os jornaleiros, depois de feito o seu dia normal, ainda vão agrava-

Barreiro. Cláudio Moreno.

## Construção Civil de Famalicão

Inauguração de uma bandeira e de uma Secção do Sindicato Único em Avidos

VILA NOVA DE FAMALICÃO, 6 C.—Foi uma festa simpática a que realizou o Sindicato Único da Construção Civil desta localidade para a inauguração da sua bandeira, no dia 2 do corrente.

A sessão solene estavam presentes os camaradas A. Vitor Martins e Joaquim da Costa Farinha, da Federação Nacional da Construção Civil; Camilo Martins da Costa, delegado da União Ferroviária; António José Fernandes, delegado do Sindicato Único da Construção Civil da Póvoa de Varzim, e Alexandrino Costa, Angelino Mesquita e Fernando Marques Dias, delegados da Associação dos Empregados no Comércio, Alexandrino Costa, secretariando os camaradas António Gonçalves Branco, director de *O Clarão*, porta-voz do operariado de Famalicão, e Delfim Ferreira da Silva, tipógrafo.

O presidente explicou o significado da festa e da nova bandeira que se ia inaugurar, seguindo-se o camarada Joaquim da Costa Farinha, que incitou os operários a organizarem-se convenientemente para a luta que estavam a travar-se entre o Capital e o Trabalho. Depois falou o camarada da Construção Civil de Famalicão, João da Silva Rebelo, que sensuado abafado, soube, no entanto, captar os aplausos da numerosa assistência.

Seguiu-se o delegado ferroviário, Camilo Martins da Costa, que começou por agradecer, em nome do seu Sindicato, as horas de que foi alvo por parte da Associação da Construção Civil em o convidar para se fazer representar nesta festa que devia ficar na mente de todos aqueles que moçaram quidicamente.

Diz que a inauguração da Secção em Avidos, representava mais uma trincheta contra a burguesia.

Depois fala António José Fernandes, delegado do Sindicato da Construção Civil da Póvoa de Varzim, que, além de outras considerações, agradece o convite feito a este sindicato.

Por fim, é dada a palavra a A. Vitor Martins, da Federação. Cansado das juntas a que tem sido submetido pela sua grande vontade de ver a presente sociedade destronada, Vitor Martins, faz a apologia da Revolução prestes a rebentar. Agradece aos representantes da Associação dos Empregados no Comércio a sua comparsaria, ali, e diz que o empregado comercial, que o seu ordenado é em muito piores condições que a do operário, chegará muitas vezes a suas casas e encontrará s. s. filhos chicos de fome.

Depois fala António José Fernandes, delegado do Sindicato da Construção Civil da Póvoa de Varzim, que, além de outras considerações, agradece o convite feito a este sindicato.

Por fim, é dada a palavra a A. Vitor Martins, da Federação. Cansado das juntas a que tem sido submetido pela sua grande vontade de ver a presente sociedade destronada, Vitor Martins, faz a apologia da Revolução prestes a rebentar. Agradece aos representantes da Associação dos Empregados no Comércio a sua comparsaria, ali, e diz que o empregado comercial, que o seu ordenado é em muito piores condições que a do operário, chegará muitas vezes a suas casas e encontrará s. s. filhos chicos de fome.

Depois de larga exposição e incitações à organização sindical, diz que é preciso que o operariado em geral compre e propague a imprensa operária que é aquela que o guia e o leva ao caminho que deve trilhar.

Terminou a sua oração com vivas ao Sindicato Único de Famalicão, C. O. T., União Ferroviária, Empregados no Comércio, etc., etc.

Por último, faz novamente uso da palavra o presidente da mesa que a todos agradece e faz o elogio rasgado dos operários que tomarão a iniciativa da bandeira e dos operários que organizaram a secção em Avidos. Encerrou a sessão no meio de entusiasmados vivas e palmas, vivas que foram delirantemente correspondidos.

## A caminho de Avidos

Pelas 13 horas, começou a afiuar ao Sindicato Único uma enorme avalanche de trabalhadores de todas as classes, que desejavam encorpar-se no cortejo que havia de seguir até Avidos, levando a nova bandeira e onde se ia inaugurar uma secção daquele ramo de indústria.

Seriam 13 horas e meia, quando a grande massa de trabalhadores que estacionavam dentro do Sindicato e na rua irrompeu em estondos vivas palmas acompanhados do estrondo de foguetes que anunciam a jornada de Avidos.

E efectivamente, dentro de pouco tempo, a enorme multidão descorreu respeitosa, e, por entre alas, desfila a nova bandeira, baluarte destinado ao exército operário. Foi uma cena como veda.

Homens velhos, cansados já das suas lides, deixaram deslizar pelas faces enrugadas lágrimas de comoção. E, nós, representante da imprensa operária local, sentimos também uma comoção enorme por ver que os velhos fundadores da Associação da Construção Civil de Famalicão, choravam com alegria por ver que a sua obra gigantesca, frutificava nos s. s. vindouros!

O cortejo segue pelo Campo Mousinho, sempre em meio de grande entusiasmo, dando a enorme multidão ininterruptos vivas à organização operária de Famalicão, aos delegados das várias colectividades representadas, à Rússia Vermelha, Revolução Social, etc., etc.

Pelo caminho, cheio de Sol, viam-se aqui e ali ranhos de trabalhadores e raparigas do campo que lançavam rosas, malmequeres e camélias sobre o imponente cortejo.

Os trabalhadores retribuíam essa captivante manifestação com grandes salvas de palmas e vivas, que significavam bem o seu contentamento por esta nova alegria na festa dos oprimidos.

Chegou-se a Avidos, onde uma enorme multidão, impaciente, esperava o cortejo. O que então se passou, é difícil de descrever-se. Vividas, palmas, abraços e flores, tudo numa enorme confusão, lá estando os organizadores Manuel Ferreira da Silva, da Lagoa; José da Costa, idem; Francisco da Rocha Pinheiro, Manuel Sampaio Moreira e José Joaquim Malheiro.

A sessão

Eram horas de abrir a sessão. Assumiu a janela da casa onde se achava instalada a nova secção, Manuel Sampaio Moreira, que agradece ao povo trabalhador a sua comparsaria naquele recinto. Prende o camarada Francisco da Rocha Pinheiro, secretariando José Joaquim Malheiro e Manuel Sampaio Moreira.

Depois falam João da Silva Rebelo, do Sindicato de Famalicão; António Gonçalves Branco, director de *O Clarão*; Camilo Martins da Costa, delegado do Ferroviário; António José Fernandes, delegado do Sindicato da Construção Civil da Póvoa de Varzim, que, além de outras considerações, agradece o convite feito a este sindicato.

Por fim, é dada a palavra a A. Vitor Martins, da Federação. Cansado das juntas a que tem sido submetido pela sua grande vontade de ver a presente sociedade destronada, Vitor Martins, faz a apologia da Revolução prestes a rebentar. Agradece aos representantes da Associação dos Empregados no Comércio a sua comparsaria, ali, e diz que o empregado comercial, que o seu ordenado é em muito piores condições que a do operário, chegará muitas vezes a suas casas e encontrará s. s. filhos chicos de fome.

Depois de larga exposição e incitações à organização sindical, diz que é preciso que o operariado em geral compre e propague a imprensa operária que é aquela que o guia e o leva ao caminho que deve trilhar.

Terminou a sua oração com vivas ao Sindicato Único de Famalicão, C. O. T., União Ferroviária, Empregados no Comércio, etc., etc.

Por último, faz novamente uso da palavra o presidente da mesa que a todos agradece e faz o elogio rasgado dos operários que tomarão a iniciativa da bandeira e dos operários que organizaram a secção em Avidos. Encerrou a sessão no meio de entusiasmados vivas e palmas, vivas que foram delirantemente correspondidos.

## MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte..... 19.615\$29

Received na administração:

Joaquim Muñoz, S. Antão do Tojal..... 2350

António Jacinto Pires, Beja Um anarquista..... 1550

José Maria Ferreira, Sines..... 1550

Siber, Califórnia..... 5000

Manuel da Silva, Mortágua..... 2550

Adelino R. Maçãs, Mortágua..... 550

Augusto Carlos Rodrigues, Associação de Classe dos Operários Pedreiros Portugueses..... 1500

Transporte..... 263310

Coliseu dos Recreios HOJE—Terça-feira—HOJE

Espetáculo sensacional —ESTREIA—

Astrix Luksov

O tam discutido teatrólogo

que fez no domingo no Jardim da Estrela, as exibições encerradas pe

lo "Século", 2.ª apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur

todas as atrações e celebrações da

Companhia de circo

2.º apresentação de

Uasseur